

Crescimento pode ser o maior da história

Ricardo Leopoldo

São Paulo — As condições econômicas e políticas no Brasil nunca foram tão boas para que o país tenha um dos maiores períodos de crescimento sustentado de sua história.

O comentário é de Antônio Corrêa de Lacerda, presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo (Crea). Ele estima que o setor privado deverá investir em 1995 aproximadamente US\$ 50 bilhões na expansão das suas indústrias.

Henrique Meirelles, presidente da Câmara Americana de Comércio, afirma que empresas estrangeiras estão prontas para aplicar outros US\$ 50 bilhões em cinco anos em setores vitais de desenvolvimento como telecomunicações, energia elétrica, petróleo e mineração.

Interesse — “O Brasil tem poten-

cialidades quase incomparáveis com outras nações. É um dos países que mais despertam interesse dos investidores, pois tem um parque industrial eficiente e que está se modernizando com muita rapidez”, disse.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) reforçam o otimismo de Henrique Meirelles, com números que registram a evolução da economia com o Plano Real.

O IBGE divulgou um crescimento de 5,7% do Produto Interno Bruto (PIB) — que é a soma dos bens e serviços produzidos por um país — em 1994.

A Fiesp anunciou quinta-feira que as indústrias em janeiro de 1995 se expandiram 21% em relação ao mesmo mês do ano passado.

Fábricas — Já a FGV apurou que em janeiro, 1.486 grandes e médias fábricas operavam com 83,7% de suas capacidades produtivas.

Antônio Salgado, diretor da Nestlé, afirma que a empresa está ocupando 100% da capacidade instalada para a produção de alimentos lácteos, o principal carro-chefe da companhia.

Com um faturamento de US\$ 2 bilhões em 1994, Salgado estima que essa cifra aumente para US\$ 2,2 bilhões neste ano. A Nestlé deverá aumentar seu volume de produção de 700 mil toneladas de alimentos para 770 mil toneladas em 1995.

As quatro maiores montadoras de automóveis (Fiat, Ford, General Motors e Volkswagen) informaram recentemente que deverão aplicar no Brasil entre US\$ 9 bilhões e US\$ 12 bilhões até o final da década.